

Sem título, 2001 óleo sobre tela, 190 x 250 cm

ARTES PLÁSTICAS

CINTILAÇÃO DISCRETA

Exposição de pinturas de Sérgio Sister. *São Paulo: 25ª Bienal Internacional de São Paulo, março/junho de 2002.*

Tatiana Blass

Um lilás com peso enfrentou o cinza nublado. Era fim de tarde e sua atmosfera singular fez tudo ser uma derivação de seu matiz em tons infindáveis. Esse fenômeno exclusivo de vencer a tempestade por vir e declarar o contágio da luz do sol advertia o sentido mutante que esgotava qualquer certeza que não a do instante. A capacidade de transformação que a luminosidade avançava sobre a visibilidade e a constituição das cores indicava em alerta a estranha conexão de tudo, mesmo apostando na autonomia e singularidade estridente de cada coisa habitante do mundo.

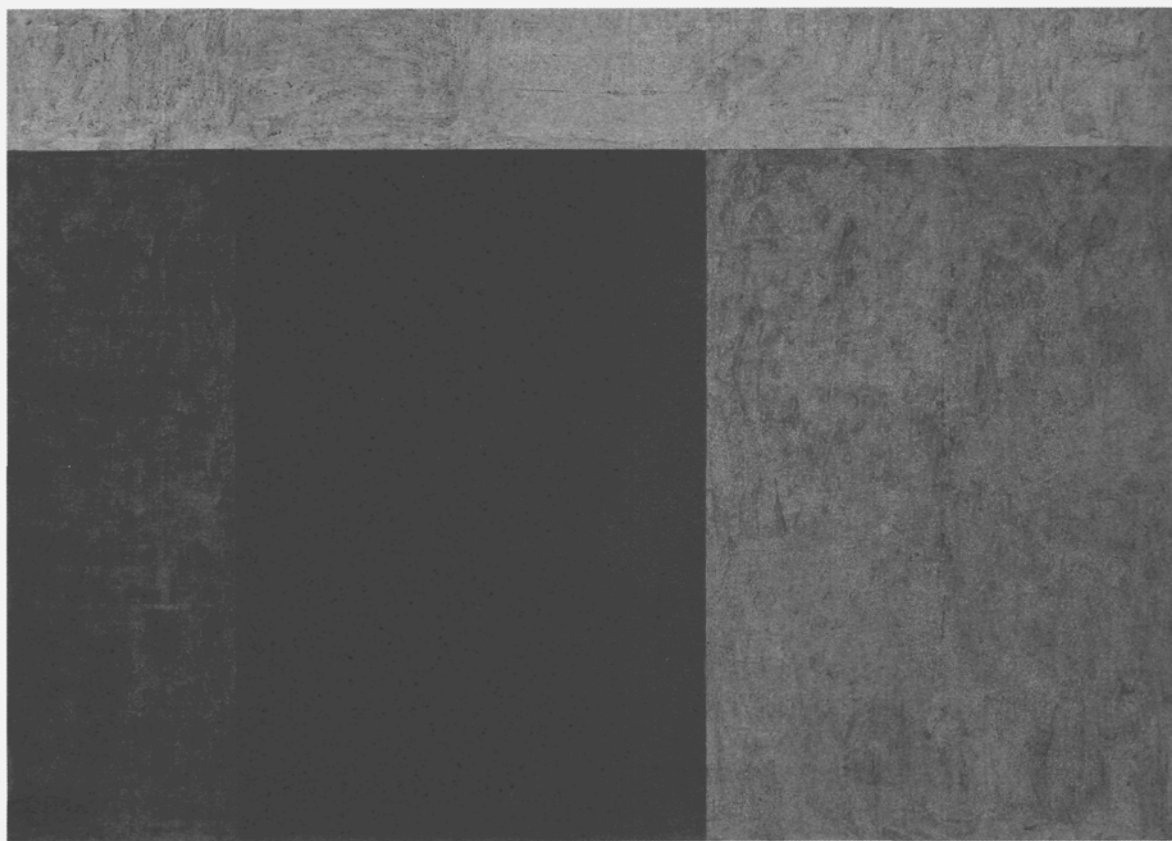
É dessa aptidão em capturar o sentido removível da luz aos olhos, em um tempo perceptivo que adiciona mais caráter à cor, que as cinco pinturas de Sérgio Sister expostas na 25ª Bienal de São Paulo (no núcleo de Arte Brasileira, curado por Agnaldo Farias) parecem pedir uma contemplação mais vagarosa, um passo mais lento no tumulto dessa megaexposição. Feitas de tinta óleo e pigmentos metálicos como mica e alumínio, quase todas as

pinturas expostas têm faixas intercaladas de duas ou três cores com variações tonais, o que estabelece uma ressonância entre uma área e outra, sendo que algumas dessas variações são dadas pela simples diferença no trabalho do pincel.

Como o modo de construção dessas pinturas vem da vontade de uma máxima apreensão da luz, sua variação torna-se inequívoca em seus complexos relacionamentos. A presença da cor se modifica conforme as extensões do olhar, que reverbera pelas infindas arbitrariedades da luz que perpassa o ar. Nesse atrito perceptivo que o observador depara, essa impermanência parece atracar uma constante conversa, como se a cada deslocamento de ponto de vista e a cada segundo observado algo mais fosse dito em atropelo a qualquer cansaço.

A conclusão inexata de assimilação do todo sofisticada a apreensão através do olhar que não consegue se deter nem fugir. Com certa sonolência vibrante, o ânimo da pintura não é frustrante nem exaltado. Parece estar sempre querendo encontrar a medida certa para assegurar a presença das partes no todo sem esquecer a mesma conjuntura de convivência, saboreando um estado comum das satisfações da normalidade.

Intensificando os pudores da diferenciação pelo semelhante, Sister constrói a partir de cores repoussantes a aptidão ao agito. Os corpos de tinta com quase os mesmos valores tonais repercutem o delicado impulso de contentar-se perante a paridade sem constrangimento, e saber-se perto do outro quase igual e, por quase, completamente diverso. Por esse modo de diferenciação que não é dado pela contradição, mas por contrastes amortecidos,



Sem título, 2001 óleo sobre tela, 190 x 250 cm

cria sintonias em desarranjo, precavendo as muitas nuances entre o sim e o não, equacionando as diferenças por uma comodidade não decepcionada, cedendo sem deixar-se. Com o ímpeto de motivar a instabilidade sem ser pelo contrapeso.

O constante exercício da capacidade de distinção faz que os valores tonais próximos admitam a ação notória da luz na cor, concebendo uma identificação relacional que distingue as propriedades de cada momento da pintura. Essas sutis variações de cor e de luminosidade são dadas pela diferença de quantidade de pigmento metálico e pelo uso de cera em algumas áreas, que as deixa mais opacas e com a luz mais acondicionada. No texto sobre as pinturas do artista expostas em 1988, Lorenzo Mammì afirma: "para que o movimento das pinceladas adquira a máxima evidência possível, Sister utiliza um pigmento à base de pó de alumínio, misturado com óleos, ceras ou terras"¹. Parece que cada vez mais não só o uso do pigmento metálico faz evidenciar mais a pincelada, como também a pincelada superestima a qualidade cintilante do pigmento.

O caráter descontínuo do trabalho do pincel em cada área de cor — pulsante, espatulado, direcionado — colabora para controlar, restando ou ativando, a velocidade com que a cor chega aos nossos olhos. Um proceder complexo de apreensão do todo, que estimula tempos perceptivos diversos conforme a direção da matéria composta por seu valor tonal. Dessa maneira, Sister valoriza a hora de cada cor sem perder o compasso uníssono, fazendo que nada esteja desalojado.

Pela captura da luz sem ofuscamento, Sister sanciona a decisão apaziguadora a cada sílaba pronunciada. Precavendo-se do lisonjeio de cada acontecimento particular, atribui às diferentes instâncias construídas na tela um convívio sem desatinos. As estridências são entorpecidas e as disparidades ditas em tom de conversação. E toda articulação é argumentativa.

Refletindo por um outro viés, Rodrigo Naves escreve em um texto de 1995 que "essas telas não vieram ao mundo para torná-lo mais alegre ou variado. E nem mesmo o exercício continuado dessas sutilezas tonais promete um renovado poder

de discriminação. Sua arte ensina que tudo está em jogo. O que diferencia envolve tudo numa espessura turva. E o que hoje traz as coisas à tona pode amanhã ser o peso que as levará ao fundo"². Nestas últimas pinturas, parece-me que essa espessura turva foi ganhando cada vez mais nitidez. Mas é pertinente questionar: esse modo de diferenciação sem contrastes agudos é mesmo uma tentativa de um relacionamento apaziguador ou essa competência equivalente de todos atributos da tela não é um apelo à competitividade? Acredito que os dois movimentos não são excludentes, mas me parece mais contundente supor que as relações sejam suscitadas com a vontade de parceria mais do que de rivalidade.

Estas pinturas têm um duplo movimento de aproximação e distanciamento, dado o aspecto dubio que o cintilante estabelece: há alguma frieza, alguma reserva que as deixa protegidas, mas que logo é desfeita pelo aspecto latejante e vibrante dessa mesma luz refletida. Segundo Alberto Tassinari "as pinturas de Sérgio Sister parecem guardar a luz. [...] não é tanto da cor que nos falamos, mas, se é possível dizer assim, de um repouso da luz. [...] a luz parece encontrar na cor mais o seu ambiente do que sua tradução. A luz ali fica mais do que ilumina"³. Um dos maiores merecimentos da pintura de Sérgio Sister está nessa experiência do entrosamento pela cor cintilante. A cintilação que irrealiza a permanência, pondo em desatino as dúvidas e variações da luz. De cores esmorecidas, estas pinturas devem sua luminosidade ao metal contido no pigmento, como habitantes da matéria cintilante. São cores quase nunca vistas, difíceis de agarrar, mas que não terminam de chegar aos olhos.

Suporia o inexistente se da cor já não restasse muita convicção. No entanto, estas pinturas parecem estar pondo a cor um pouco mais à frente mediante sua construção precisa, apostando também na potencialidade própria da cor como agente luminoso. Mesmo assim, a cor ainda parece se afirmar a partir de seus pormenores, persuadindo pela desconfiança. Apesar de movida por um sentido mais vaporoso e etéreo, por essa cor pouco

(1) Mammì, Lorenzo. "Pequenos deslocamentos de equilíbrios". In: *Catálogo* da exposição de Sérgio Sister na Galeria Millan, São Paulo, 1988.

(2) Naves, Rodrigo. "O fio perigoso das coisas". In: *Catálogo* da exposição de Sérgio Sister na Galeria Millan, São Paulo, 1995.

(3) Tassinari, Alberto. "A guarda da luz". In: *Catálogo* da exposição de Sérgio Sister na Galeria Millan e na Casa da Imagem, São Paulo, 1993.

afirmativa, a luminosidade traz um entusiasmo denso por recogitar o sentido da luz como presença física, uma luz que é da matéria, do próprio pigmento, extravasando a concepção da luminosidade submersa na vibração da cor. Uma luminosidade que interage na superfície e que não tem muito fundo: nem vem, nem vai; nunca decepciona o plano.

Diferentemente das pinturas de Sean Scully, também expostas na 25ª Bienal, a luminosidade parece vir de dentro, sobretudo pelas frestas entre uma cor e outra e pelas camadas anteriores que também comparecem na superfície por sua pintura *wet on wet* (molhado sobre molhado). Apesar da imperativa fisicalidade de sua pintura, a luz vem da cor, está acoplada ao embate estabelecido. Certa vez Scully afirmou o "desejo de fazer uma luz que tenha permanência"; já em Sister a luz tem uma fisicalidade própria, materializa-se no processo perceptivo, necessita das condições e demora do mun-

do para sua exaltação. Apesar de sua insistente captura da luz, concebe uma luminosidade sempre mutante, já que trabalha com a própria matéria luminosa, à revelia das variações exteriores.

Pode-se arriscar dizer que o aumento de escala nestas pinturas mais recentes contribuiu para o uso de mais cores, o que não reverte sua discrição. Com uma introspecção sem vergonha e um silêncio retorcido, trazem a sensatez do deboche. Sua vibração é dada por certo esculacho, alguma rudeza das pinceladas que evidencia o gesto nunca recluso. A construção de entrosamentos bem-articulados não se move por um refinamento excessivo, por uma frescura enxerida ou por um apego à concordância, mas pela simples confiança na desventura do contraste agudo.

Tatiana Blass é formada em Artes Plásticas no Instituto de Artes da Unesp.